

HOJE 8 PAGINAS EXPEDIENTE

Redacção, administração e officinas — Rua da
América 55 (antigo 75) — Telefone n. 2.555.

ASSIGNATURAS
Brasil—Anno..... 30000
Seminário..... 10000
Trimestre..... 8000
MEZ..... 3000
A COMEÇAR EM QUALQUER DIA

Numero avulso 100 réis

Atrazado 300 réis

As assignaturas são pagas adiantada-
mente e começam em qualquer mez.

Fedimos aos srs. assignantes man-
darem reformar as suas assigna-
turas com toda a brevidade, para não
sofrem interrupção na remessa da
folha.

A administração

São nossos agentes-correspondentes os srs.:
ESTADO DO RIO — Edras Nascimento, em
Pedro do Rio; J. A. Oliveira, em Sapucaia;
João Salgado, em S. João da Barra; João Silveira,
em Cordeiro; Afonso Figueira, em Varzea de
Therapoulos.

MINAS GERAES — Sizenando Vieira Starling,
em Ponte Nova; M. Gaspar, em Coimbra; Eze-
quiel Simões, em Vespas; Arnaldo Silveira, em
Mar de Espanha; Adolfo de Vasconcelos, em
Bicas; D. Donatillo Castanho de Oliveira, em
Gatunoy.

ESPÍRITO SANTO — Elpidio Barboza Quintanilha,
em Alfredo Chaves; Olynto de Sales Moraes, em
Vila do Alegre.

S. PAULO — Veríssimo dos Santos, em Estação
da Lapa; Cesar Gregório, em São Paulo dos
Aparecidos.

RIO GRANDE DO SUL — Heitor Brandão, em
S. Gabriel; Iratouy Frazee, em Alegrete.

SANTA CATARINA — Eugen Curjel, em Ita-
lva.

PARANÁ — Julio José da Costa, em Cachoeira;
Baldino Gonçalves de Santiago, em Nazaré.

ALAGOAS — Moisés Lima, em Pilar; Elyseu
Gomes, em Fênico.

PAULO BARRETO

O sr. Anatole France não vai mais á
Academia Franceza. Acha que ser
admirado é ridículo, fora dos hábitos
novos, fora das necessidades presentes.

Le, a certo ponto, o sr. Anatole
France tem razão. Afinal, a Academia
não serve senão para distribuir peque-
nos premios, instituidos por opulentos
legados.

Sua classica função de apurar a lin-
guagem, manter as tradições da literatura
franceza, tornar o gosto publico deli-
cado e fino não resistem aos tempos
iconoclastas que gosamos. A Academia
franceza, si repelliu Balzac e Zola,
acolheu Berthelot, Dumas Filho, Mar-
cel Prevost e aceita dramaturgos alie-
nos que não respeitam convenções de
moral e de estilo. E, assim mesmo, o
valor relativo da Academia decrece.

Si, às vezes, elle accede a suffragar
a intellectualidade emancipada e, por esse
processo, se renova, quasi sempre pro-
cura escolher gente commediada e fina,
sem grandes idéas e sem grande sa-
ber. Realmente, Berthelot entrou na
Academia, mas neste momento a Aca-
demia Franceza está divorciada da
cultura franceza e não a pode inter-
pretar ou resumir. Porque a grande
cultura franceza não se concentra nos
autores de peças de theatro e no grupo
critico e historiographo da *Revue des
Deux Mondes*.

Mas, afinal, a Academia não só dis-
tribue premios, como, às vezes, dá
premio para estudo de individualidades
interessantes. E essa ultima utilidade
da Academia Franceza é a unica que
já conseguiu a nossa Academia Brasi-
leira de Letras.

E esse unico fim. E esse fim é bello
e necessario. Chamar a attenção do
grande publico para o trabalho dos
aossos intellectuaes. Destacar, de quan-
do em quando, personalidades dignas
de destaque.

E seu fim util. Talvez digam que a
Academia serve para manter a pureza
da lingua portugueza e as tradições da
literatura lizitana e de influencia
e ainda formidavel na maioria de seus
membros. Não creio. O Brasil emanci-
pa-se cada vez mais da tutela literaria
de Portugal. A propozição de cons-
tituição da Academia é um symptoma dessa
evolução salutar. Pelas muitas tradi-
ções de origem identica, pela commu-
nidade de linguas, literaturas de Por-
tugal e do Brasil serão irmãs. Mas não
há subalteridade. Longe vai o tempo
em que o sr. Camillo Castello Branco
queria castigar, corrigir tudo o que os
aossos escriptores faziam sem ter base
no origem nos collegas lizitanos. Ad-
miramos muito o velho Portugal, que
fundou, creou e fez este grande país.
Amamos os portuguezes daqui e de lá.
Gostamos da literatura portugueza.
Mas que sejam nossas sympathias
para a antiga metropole, não se pode de-
clarar de confissão que, si Portugal
continuar a resistir á invasão dos *bro-
deliriosos*, as diferenças entre o
falar e escrever de lá e o falar e escre-
ver de cá serão, em breve, profundis-
simas.

A Academia Brasileira não poderia
ter a função, que alguns de seus mem-
bros lhe emprestam, de defensora da
lingua antiga. Tanto não pôde que
os seus membros mais notaveis socios, o
sr. Sylvio Romero, declarou, numa ses-
são solenne, que não dava a minima im-
portancia a questões de grammatica...

A Academia Brasileira, que não tem
funcionaria para não acabar, que não
tem legados a distribuir, só exerce a fun-
ção nobilissima de chamar de quando
em quando, a attenção para nomes que-
ridos. A Academia reúne quasi todos os
homens de valor intellectual do Brasil.
Realmente, tem committido injustiças.
E, enchendo suas bancadas com algu-
mas mediocridades, não incluiu ainda
entre os seus membros o sr. Lafayete.

Entre os litteratos puros, reuniu os
mais illustres. E, agora, elegendo Paulo
Barreto João do Rio, revelou seu espiri-
to emancipado e culto. A entrada
para a Academia não foi uma victoria
para Paulo Barreto. Foi um triumpho
para a Academia.

Foi um triumpho para a Academia,
porque ella se tornou capaz de com-
preender todas as audacias e todos os
philonismos. Nas terras americanas,
as instituições mais anachronicas to-
mam aspectos revolucionarios. E, assim,
a Academia daqui pôde acolher Paulo
Barreto.

Paulo Barreto é mais completa-

bizarra organização literaria da gera-
ção, que vem galgando as posições de
destaque. E esse fino intellectual, meio
demolidor e meio dilettante, tem o dom
magnifico de ferir e espantar. Desde
menino, onde apparecia, provocava
admiração ou odio. Nunca passou in-
diferente. E esse dom de espantar, que
é o segredo dos heróis, dos santos e
dos grandes escriptores.

Zola uma vez atirava ao alvo com
Maupassant e outros, em Medan. Todos
acertavam. Mas, quando chegou a vez
do psychologo amargo do *Pierre et Jean*,
a bala explodiu, fez fumaça e chamou a
attenção de todos. E o mestre, então,
disse aos discipulos:—Está ahí o carac-
teristico do talento de Maupassant! O
que nós conseguimos com esforço,
elle obtem com facilidade! acerta, illu-
minando e fazendo barulho!

Paulo Barreto, desde os bancos do
antigo Mosteiro de S. Bento, accorreu,
iluminando e fazendo barulho. Nunca
se perdeu nas multidões. Seus ardor-
es naturalistas destacaram-se logo aos
dezesete annos nas nossas rodas litera-
rias. Era um menino de talento, atre-
vido, que despontava os outros.

Uma vez, Joaquim Vianna me falou
delle, quando todos eramos rapazes
ainda. Será um Zola! Para nós, naquelle
tempo, era dizer tudo. E, quando nós
conhecemos, foi um deslumbramento.

Paulo era familiar aos classicos la-
tinos, aos classicos gregos, a toda a li-
teratura moderna. Conhecia o movi-
mento intellectual do mundo inteiro,
como se o pôde conhecer aos dezesete
annos.

E, então, Paulo Barreto, Joaquim Vi-
anna, Franco Vaz, o malgrado He-
ltono Corrêa e eu começamos a nos re-
unir todas as noites para discutir os
livros lidos pela manhã. No mundo,
para nós, só havia duas especies de
gente: a da que tinha lido Darwin e
Zola e a dos cretinos. Para Paulo Bar-
reto, então, fora do evolucionismo e do
naturalismo, só havia cretinismo. Si
qualquer poeta joven caia nesse *Club da
Meia Noite*, era trocado, menospre-
zado, ridicularizado.

Paulo Barreto devorava, então, livros
e livros. De dia, só as sextas-feiras vi-
nhia á rua do Ouvidor atacar os velhos.
E sua erudição era tão forte que pare-
cia mais destinada á critica do que á
ficção. Preocupava-o, entretanto, o
romance.

Foi por este tempo que appareceu no
Rio Lucilia Simões. O grupo natura-
lista considerava Ibsen naturalista. E
resolven fazer de Lucilia a «estrela que
nos havia de guiar», como escreveu
Joaquim Vianna. Paulo Barreto e He-
ltono Corrêa traduziram *Hedda Gabler*.
Cheios de Lombroso, Ferri e Magnan
fomos offerecer á Lucilia essa tra-
dução.

O entusiasmo era enorme. Paulo Bar-
reto escreveu, nessa occasião, o seu
primeiro artigo na *Tribuna*, por inter-
mediário de Franco Vaz. Era um ataque
ao theatro romantico e ao estudo da psy-
chiatría das heroínas do dramaturgo
norueguês.

Lucilia Simões nos recebeu, cansada
e surpresa. E essa entrevista deveria
ter causado uma impressão de espanto
e mystificação no espirito ingenuo da
interessante actriz. Achavamos que
Lucilia iria muito bem. E sem esperar
mais explicações, Paulo Barreto,
beijando-lhe a mão, disse-lhe:

— A senhora irá muito bem. A se-
nhora é uma nevropathia, pode-se dizer
mesmo que é uma hysterical! E uma
doente! É uma nevropathia! Vai muito
bem no papel!

— É uma paranoica, dizem uns.

— É uma degenerada superior do
Magan, acrescentavam outros.

— É um perfeito typo de hysterica
superior!

E a Lucilia, espantada em ouvir
como elogios phrases que mais vezes
havia ouvido como insultos, sorria
sem comprehender.

E *Hedda Gabler* não foi montada.

Paulo Barreto entrou para a *Cidade do
Rio*, Patrocínio, sempre magnani-
mo e gentil, abriu o seu jornal á re-
acção naturalista. Paulo publicou ahí,
o seu primeiro conto, cheio de obser-
vação cruel—*Impotencia*.

Não parecia produção de um *soi
disant* discipulo de Zola. *Impotencia* já
tinha um feição a Jean Lorain, embora
na época Paulo não conhecesse Jean
Lorain.

Foi um escandalo o conto. E Paulo
foi colhido nas rodas dos *novos*.

Completados os preparatorios, ma-
triculou-se numa Escola de direito,
mas não seguiu o curso. Continuou a
mesma vida de estudo. E, quando en-
trou para a *Cidade*, em pouco tempo en-
gou para.

O primeiro artigo de João do Rio foi
um interview com o sr. Passos. O jo-
nalista revelou-se ahí com todo o
brilhão. Já não era o menino demoli-
dor. Era um jornalista que se impunha.

Depois, veio o successo. E o suc-
cesso manteve sempre esse dom de
espantar, esse dom dos heróes.

As chronicas e *enquetes* de João do Rio
revolucionaram a nossa imprensa.
Eram o jornalismo, a observação im-
mediata, a reportagem, o *interview* in-
formal, por um espirito superior. Revolu-
cionaram o jornalismo carioca. Por-
que não ha no mundo outro qualque-
r quando, a attenção para nomes que-
ridos. A Academia reúne quasi todos os
homens de valor intellectual do Brasil.

Realmente, tem committido injustiças.
E, enchendo suas bancadas com algu-
mas mediocridades, não incluiu ainda
entre os seus membros o sr. Lafayete.

Entre os litteratos puros, reuniu os
mais illustres. E, agora, elegendo Paulo
Barreto João do Rio, revelou seu espiri-
to emancipado e culto. A entrada
para a Academia não foi uma victoria
para Paulo Barreto. Foi um triumpho
para a Academia.

Foi um triumpho para a Academia,
porque ella se tornou capaz de com-
preender todas as audacias e todos os
philonismos. Nas terras americanas,
as instituições mais anachronicas to-
mam aspectos revolucionarios. E, assim,
a Academia daqui pôde acolher Paulo
Barreto.

Paulo Barreto é mais completa-

A LEI AUREA

A comemoração da data VARIAS NOTAS



JOSE DO PATROCINIO O Heróe da Abolição

Com o 13 de maio, surgiram os pródromo
do movimento que irrompeu e venceu a 15
de novembro. Tomando gosto a este in-
ebriante nectar da liberdade, que de chofre
regatava uma raça, a nação preparou-se
para derrubar as ultimas barreiras e atingir
a sonhada região da democracia pura.

Não foram, porém, só os propagandistas
da Republica que se destacaram nesta cam-
panha preliminar. Ao lado de José do Pa-
trocinio, que synthetiza os batalhadores
mortos, a gratidão publica colloca João Al-
fredo, como o representante natural dos ve-
teranos, felizmente sobreviventes.

A todos os banemeritos brasileiros, o dia
de hoje trará recordações, que nunca desam-
pararam a alma popular o que somos con-
scientes de poder sublinhar, associando-nos
às alegrias que desperta a gloriosa jor-
nada.

A Redenção

Falar sobre 13 de Maio é evocar todo
um poema negro de martyrios e lucturas, so-
nando tempo, como na eternidade de um
sonho, o glorioso epilogo reivindicador de
uma historia infanda, em que ceticos de
toda sorte eram infligidos aos seus miseros
personagens, esmagados, sob o peso do cre-
scitismo, da tradição de uma raça e todos
os principios evangelizadores da fraterni-
dade humana.

Reinava a barbaria no seu immenso im-
perio.

Il o desprezível trafico de homens, per-
petrado friamente, sem vexame nem re-
pública; e o castigo corporal—desde a chi-
bata sibilando no eito, á luz gloriosa do sol
meridiano, ou no interior abjecto das senzalas
e currais e fétidas, até á deshumana e
torturante oppressão da grilheta ou do
tronco—eram a recompensa daquella hor-
renda animalização, inerente, de enjaula-
tes gotejava a suor laborioso que, alimen-
tando as raízes dos cafeeiros videntes, resur-
gia triumphante na metamorphose alviza-
reira das flores...

Desforço maseado daquela gente hu-
milde até á desventura, resignada até á chi-
bata, saíam a abundancia e a riqueza
dos senhores mal reconhecidos.

Mas tudo teria limite, como tudo é tran-
sitório na vida. O dia da redenção agar-
dava o seu tempo.

Os monstros, libertados, os traficantes
ignaros, teriam fatalmente que se ver des-

Suas chronicas actuaes não perdem
essa feição. Poucas vezes são ar-
tigos. São, quasi sempre, descrições
romanticas não basta. São descrições
autenticas. Para sustentar uma idéa,
uma these, um paradoxo, elle vai bus-
car o exemplo vivo e palpante, *sur place*.
Não commenta um aconteci-
mento que já se noticiou. Tira um facto
novo e delle faz ressaltar o mal. Jean
Lorain e Courteline fizeram chronicas
similhanes? Não! Jean Lorain e Cour-
teline davam impressões e commenta-
rios iconoclastas e bizarros. Paulo Bar-
reto, quasi sempre, cria o facto. Ha, na
collecção dos *Chenetas*, muita
pagina com ar de *Pull-Mails*, do Lo-
rain. Mas a maior parte de suas chroni-
cas tem feição especial.

Podem para Paulo Barreto escrever
ficção, para fazer romances. E uma
solvencia academica esse pedido.

João do Rio celebrou-se um ge-
nero especial, só seu. Para que então
obrigar-o a tentar officios alheios?

Ao contrario, devemos solicitar de
Paulo Barreto a continuação de suas
enquetes e de suas notas impressionis-
tas:—A argue seus assumptos, de-
lha campos novos, estude actividades
caracteristicas e mistos phenomenaes
e seu valor só se engrandecerá.

O romance não é a unica formula de

exposição literaria. Paulo quasi criou
um processo literario. Para que copiar
o processo tradicional?

Victor Viana

CHICANA INDECENTE

O candidato da rejeição lyrica, debus-
tando com unhas e dentes no covil a que o
arrastava uma ambição de ultima hora en-
xertada num sonho romantico, levantou a
lebre do processo da apuração, como o mo-
mento de desenvolvimento individual, não per-
mitindo que s. ex. fizesse as acas de Mar-
ço e que já tinha effectuado com o Código
Civil: torturar, espremer, dynamizar,
examinando cada virgula e cada cedilha, de
sorte que soasse o 15 de Novembro e os fac-
tos nos impussem uma situação anarchi-
ca. Está bem visto que toda e qualquer
autenticidade que não lhe desse maior não
receberia o *placet* de veracidade e seria re-
legada á cesta das inutilidades da fraude,
depois de uma dissertação philosophica
acerca da etymologia, sentido e razão das
suas expressões, da liberdade que não pres-
taria á sua concepção, da heterodoxia do seu
contado. Praticasse aconcentrar em esta
juízo já denunciava notavel progresso. Em
sua conferencia do Theatro Cassino, em S.

— Realizara-se a segunda parte da legenda
prophetica; dizemos a segunda parte, por-
que a primeira teve por berço o immortal
«Independencia ou Morte!», de Pedro Le-
al ultima, que foi o epilogo das grandes co-
gitações do espirito de Tiradentes, operou-se
solennemente como o «Viva a Republica,
de Deodoro!

O brado da propaganda abolicionista vi-
brou com maior intensidade na tribuna, nos
comícios e na imprensa!

E aos seus céos divinos, coincidindo de
novo com a regencia de Isabel Christina,
proclamara-se a extinção da escravatura
no Brasil!

— Tinha-se promulgado a Lei de 13 de
Maio de 1888.

Por iniciativa do exmo. sr. dr. prefeito, os
alunos das escolas Rodrigues Alves e De-
odoro irão, hoje, 13 de maio, ás 10 horas da
manhã, espargir flores na estatua do vi-
conde do Rio Branco, em signal de gratidão
ao autor da lei ao ventre livre.

Por essa occasião, entoarão um hymno e
falará sobre o grande vulto e a alma areia um
conhecido orador.

Terminado esse preito de homenagem, o
exmo. sr. dr. prefeito, em companhia do sr.
André Cavalcanti, ministro do Supremo
Tribunal, do coronel Jonathan Barreto e dr.
Ve-nancio Labatut, representando os promoto-
res das homenagens a Joaquim Nabuco,
irá, hoje, á residência do conselheiro João
Alfredo, autor da lei de 13 de Maio, afim de
saúda-lo pelo anniversario de hoje.

Bahia, 12—Aqui será, amanhã, soleniza-
ção com grandes festas a data de 13 de
Maio.

S. Paulo, 12—En S. Vicente, Santos e
Campinas e outras localidades do Estado,
serão, amanhã, realizadas sessões civis,
comemorando a data da abolição.

S. Paulo, 12—Prometteu grande brilho
as festas com que a Sociedade dos Homens
de Cor vai comemorar, amanhã, a data da
extinção da escravatura.

O governo festejará o dia com as soli-
cidades do estilo.

Paulo, entre as brilhantes e quedas do
pesadelo, que o seu devaneo atravessava,
esta nua ficção incubada. Elle ia ser im-
pellido ao poder pela força do entusiasmo
dos descendentes dos antigos bandeirantes
e — ai de quem o tentasse contrariar! —
contra as maiorias eleitoraes e parlamenta-
res desceria a avalanche da nação indigna-
da, polo Rei e pola grei, estragando e re-
duzindo a pó os atrevidos que não votassem
no regenerador dos povos, puro como o cor-
deiro, severo como a verdade. Foi uma
phases tremebunda, em que o apostolo
das gentes, que, por singularidade, era
um dos padroes da cultura, fremin e
demonstou ao contacto das gentes do
apostolo. Vivíamos em pleno nephelis-
mo, tendo até o butaque dos angélicos tidos
as honras de uma referencia erudita, em
que foi chamada á bailia toda a respectiva
synonymia, demonstrando o preparo até na
rudeza das linguas primitivas. Vinham, in-
venivelmente, reminiscencias camoneas:

«No mar, tanta tormenta, tanto dano...»
E a morte apercebida, com exactidão, nas
ameaças, nos esconjuros, nas felicitas
em que, com a cadencia das grandes es-
crituras, talvez enamorados de mais das su-
habilidades, bons catholicos nos desenha-
vam o inferno em que os hereticos paga-
riam o peccado de se opporem a que o
desinteresse pomposo e

tolatra governassem isto aqui pela ma-
neira mais intelligente. Foi mais tarde
que as necessidades apartaram e appa-
roceu a theoria dos 20 % de abatimento
no passivo, com 20 % de acrescimo no
activo, situação de vergonhosa fallencia, da
qual, depois que a caracterizarmos suficien-
temente, pensamos misericordiosos afastar-
nos.

Deixamos que o pessoal, que conseguisse
salvar-se, se consolasse; e fizemos silencio,
como no quarto de um defunto. Acontece,
porém, que a familia enlutada não é de boa
paz e, nesta longa noite de guarda ao ca-
dáver da civilidade, teuta deitar fogo ao pre-
dio, como homenagem ao morto. E' indis-
pensavel, ao menos, convocar o Corpo de
Bombeiros e lançar alguns baldes de agua
gelada na ferveria. O obstruccionismo, em
lugar da revolução, já é uma vantagem,
mas parece que, com certa dose de criterio,
se conseguiria solução melhor, adequada á
evidencia esmagadora da actualidade. Até
hoje tem-se commoado as votações de diver-
sos presidentes da Republica, alguns dos
quizes suscitaram despejos iconoclastas e
ninguem ainda tivera o tope de engendrar
uma duvida do jaez da que atiraram ao de-
bute da Camara e que, si houvesse audacia,
e que nome tenha, da parte dos antigos
combatentes, seria explorabilissima, porque
conservava o poder nas suas origens. Esta-
va reservado aos heróes modernos, após a
grita da inegabilidade, descobrirem a im-
possibilidade da propria apuração, que tan-
tas vezes se realizou. Todos os homens que
administraram o país foram usurpadores. Os
suffragos que alcançaram não se penetra-
vam fundamentalmente, e portanto não se pôde ga-
rantir a perfeição do producto. Enquanto a
Convenção de S. Bartholomeu esperava o
villageiro, já da desistência do antagonista,
já da «apostasia do Norte, já do adhesismo,
em massa, do Sul, não lhe importou a
falha agora arguida. No anno passado, ella
se mostrava, como desde o começo do novo
regime, ao que asseverem, e não trataram
de preenche-la. Estavamos em sessão ordi-
naria, que era a propria para a iniciativa.
Agora, ha uma época extraordinaria, espe-
cial, para apurar a eleição presidencial.
Aceitaríamos que nella se estudassem ou-
tros assumptos urgentes, desde que não col-
lidissem com o motivo immediato da reunião
e não embargassem, marcando-se o ex-
ame de tas materias para horas outras
que não as do expediente principal. Mas,
repelle o objecto formal e categorico-
da assembleia, unico que ella não pôde evi-
tar nem dilatar, para não deixar o Estado
sem autoridade, si o não concessisse a tem-
po, e acabada extravagancia, que só o fac-
ciosismo não enxerga. O pretexto para a
espezzete salda encontram-n'o em um dis-
positivo constitucional, conforme o qual a
apuração se haveria de fazer, de accordo com
a lei ordinaria. E, como as reuniões da Ca-
mara e do Senado se desenvolviam pelos re-
spectivos regimentos, e, quando trabalhavam
juntos, pelo regimento commum, querem in-
terpretar o texto de uma maneira absurda,
exigindo um decreto que lhe ordene este ser-
vico, o que implica attentado á independen-
cia do Poder Legislativo, no seu intimo funcio-
namento, pela intervenção do Poder Exe-
cutivo, ao sancionar os preceitos reclama-
dos. Na parte externa do empreendimento
exigindo um decreto que lhe ordene este ser-
vico, o que implica attentado á independen-
cia do Poder Legislativo, no seu intimo funcio-
namento, pela intervenção do Poder Exe-
cutivo, ao sancionar os preceitos reclama-
dos. Na parte externa do empreendimento
exigindo um decreto que lhe ordene este ser-
vico, o que implica attentado á independen-
cia do Poder Legislativo, no seu intimo funcio-
namento, pela intervenção do Poder Exe-
cutivo, ao sancionar os preceitos reclama-
dos.

— Realizara-se a segunda parte da legenda
prophetica; dizemos a segunda parte, por-
que a primeira teve por berço o immortal
«Independencia ou Morte!», de Pedro Le-
al ultima, que foi o epilogo das grandes co-
gitações do espirito de Tiradentes, operou-se
solennemente como o «Viva a Republica,
de Deodoro!

O brado da propaganda abolicionista vi-
brou com maior intensidade na tribuna, nos
comícios e na imprensa!

E aos seus céos divinos, coincidindo de
novo com a regencia de Isabel Christina,
proclamara-se a extinção da escravatura
no Brasil!

— Tinha-se promulgado a Lei de 13 de
Maio de 1888.

Por iniciativa do exmo. sr. dr. prefeito, os
alunos das escolas Rodrigues Alves e De-
odoro irão, hoje, 13 de maio, ás 10 horas da
manhã, espargir flores na estatua do vi-
conde do Rio Branco, em signal de gratidão
ao autor da lei ao ventre livre.

Por essa occasião, entoarão um hymno e
falará sobre o grande vulto e a alma areia um
conhecido orador.

Terminado esse preito de homenagem, o
exmo. sr. dr. prefeito, em companhia do sr.
André Cavalcanti, ministro do Supremo
Tribunal, do coronel Jonathan Barreto e dr.
Ve-nancio Labatut, representando os promoto-
res das homenagens a Joaquim Nabuco,
irá, hoje, á residência do conselheiro João
Alfredo, autor da lei de 13 de Maio, afim de
saúda-lo pelo anniversario de hoje.

Bahia, 12—Aqui será, amanhã, soleniza-
ção com grandes festas a data de 13 de
Maio.

S. Paulo, 12—En S. Vicente, Santos e
Campinas e outras localidades do Estado,
serão, amanhã, realizadas sessões civis,
comemorando a data da abolição.

S. Paulo, 12—Prometteu grande brilho
as festas com que a Sociedade dos Homens
de Cor vai comemorar, amanhã, a data da
extinção da escravatura.

O governo festejará o dia com as soli-
cidades do estilo.

Paulo, entre as brilhantes e quedas do
pesadelo, que o seu devaneo atravessava,
esta nua ficção incubada. Elle ia ser im-
pellido ao poder pela força do entusiasmo
dos descendentes dos antigos bandeirantes
e — ai de quem o tentasse contrariar! —
contra as maiorias eleitoraes e parlamenta-
res desceria a avalanche da nação indigna-
da, polo Rei e pola grei, estragando e re-
duzindo a pó os atrevidos que não votassem
no regenerador dos povos, puro como o cor-
deiro, severo como a verdade. Foi uma
phases tremebunda, em que o apostolo
das gentes, que, por singularidade, era
um dos padroes da cultura, fremin e
demonstou ao contacto das gentes do
apostolo. Vivíamos em pleno nephelis-
mo, tendo até o butaque dos angélicos tidos
as honras de uma referencia erudita, em
que foi chamada á bailia toda a respectiva
synonymia, demonstrando o preparo até na
rudeza das linguas primitivas. Vinham, in-
venivelmente, reminiscencias camoneas:

«No mar, tanta tormenta, tanto dano...»
E a morte apercebida, com exactidão, nas
ameaças, nos esconjuros, nas felicitas
em que, com a cadencia das grandes es-
crituras, talvez enamorados de mais das su-
habilidades, bons catholicos nos desenha-
vam o inferno em que os hereticos paga-
riam o peccado de se opporem a que o
desinteresse pomposo e

tolatra governassem isto aqui pela ma-
neira mais intelligente. Foi mais tarde
que as necessidades apartaram e appa-
roceu a theoria dos 20 % de abatimento
no passivo, com 20 % de acrescimo no
activo, situação de vergonhosa fallencia, da
qual, depois que a caracterizarmos suficien-
temente, pensamos misericordiosos afast